

**QUEM TEM MEDO DO CORPO MAU: a manutenção para a invisibilidade dos corpos e das sexualidades no contexto educacional, e o seu não lugar.**

***Eixo Temático 14 - Expressões de Gêneros e Sexualidades no Espaço da Escola***

Edmilson Andrade Reis <sup>1</sup>  
Simome Barbosa Magalhães <sup>2</sup>  
Larissa de Pinho Cavalcanti <sup>3</sup>  
Valdir Aquino Zitzke <sup>4</sup>

**RESUMO**

Os corpos, seus sentidos e viveres plurais parecem utópicos quanto ao contexto educacional, ocupando um não lugar na educação brasileira, onde situações como invisibilidades, cerceamentos e um contínuo patologicismo, seguidos de violências e intolerâncias, ainda constituem o dia a dia das práticas educacionais. A reflexão aqui apresentada se traduz em momentos que os corpos plurais passam a ocupar um não lugar na educação brasileira, tendo em vista a manutenção e conservação de uma sociedade andrôcentrica em que as sexualidades e os gêneros ainda brigam por espaços igualitários. Os corpos que deveriam ser a expressão de prazeres, alegrias, viveres e aprendizados encontram-se oprimidos e, portanto, ocupam um não lugar, ficando à mercê de antipolíticas gerando, assim, os corpos maus.

**Palavras-chave:** Sexualidades, Não lugar, Educação Brasileira, Corpos maus.

**INTRODUÇÃO**

Trazer os temas das sexualidades, corpos plurais, gêneros e violências para o contexto educacional brasileiro nos remete a um contínuo andar para trás. Isso traz a percepção de que os corpos e suas essências sejam produtos e/ou subprodutos do mau, quando pensados pelo viés das sexualidades humanas, mesmo sabendo que todos nós as

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia, ULBRA Palmas-TO. [profedmilsonsaudecoletiva@gmail.com](mailto:profedmilsonsaudecoletiva@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia, ULBRA Palmas-TO. [hsac.magalhaes@gmail.com](mailto:hsac.magalhaes@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras da UFRPE-UAST-PE, [larissa.cavalcanti@ufrpe.br](mailto:larissa.cavalcanti@ufrpe.br)

<sup>4</sup> Professor Doutor do Curso de Geografia, UFT-Porto Nacional-TO. [valdir@uft.edu.br](mailto:valdir@uft.edu.br)

possuímos e as usamos constante e continuamente. Nesse sentido, refletimos que as sexualidades, em qualquer nível educacional, perpassam a constituição de cada indivíduo, pois, quando questionadas fora dos modelos e padrões impostos, representam uma quebra de paradigma dos bons costumes e das famílias tradicionais heteronormativas, e ocupam um não lugar e não pertencimento, afinal, desejar e viver contrariamente as regras já estabelecidas ainda é um problema no século XXI, principalmente no cenário da educação.

Para esse trabalho, utilizaremos as categorias geográficas “lugar” e “não lugar” quando escrevemos sobre sexualidades, corpos e gêneros. Marc Augé (2005) define como lugar antropológico um espaço “identitário, relacional e histórico” e o não lugar é o seu oposto, ou seja, “os espaços não identitários, não relacionais e não históricos”. Neste caso, as sexualidades são classificadas como sinônimo de não lugar por receio de se evidenciar que as sociedades patriarcais e machistas não mais se sustentam quando o assunto é relacionado aos desejos e aos reconhecimentos sexuais. Por esse motivo, sua negação e privação no contexto educacional são um reflexo de negações que envolvem os sistemas familiares, sociais, políticos e religiosos.

Considerando que no contexto educacional as sexualidades tendem a permanecer em um não lugar, observamos que isso se concretiza na marginalidade dos corpos plurais, dentro e fora das escolas e instituições de ensino, no aumento dos índices de violências, na incidência de bullying e pensamentos suicidas, nas ausências explicativas e informativas nos livros e materiais didáticos e, ainda, no processo de formação dos professores.

Interessante destacarmos que, quando ocultamos uma verdade em benefício próprio, o controle sobre os corpos se torna mais fácil em todas as dimensões. Tomemos como a manipulação educacional e o cerceamento sobre as individualidades registradas nos livros e materiais didáticos – quando transformaram a construção dos gêneros em elementos binários “homem e mulher” ou, ainda, que as sexualidades possuem um caráter biologicista - “macho e fêmea” - excluindo as demais construções que a permeiam, principalmente, no que se refere à subjetividade.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

O objetivo desse trabalho foi elaborar uma análise bibliográfica sobre as categorias lugar e não lugar, sexualidades e corpos no contexto educacional brasileiro. O trabalho tende a fazer uma reflexão crítica sobre os motivos que os corpos e suas sexualidades ainda não ocuparam um lugar de pertencimento e sentimento no interior das instituições de ensino e, quando emergem, são considerados como corpos maus porque fogem aos padrões heteronormativos impostos, assim como à própria construção da hegemonia dos corpos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Se existir um corpo que ocupe um não lugar, as sexualidades e os gêneros então seriam algo inexpressivo, inexistente e isso seria a justificativa para seu cerceamento e exclusão no contexto educacional. Entretanto, todas as sexualidades ocupam um lugar, mesmo que a educação brasileira acredite e perpetue que lugar de sexualidade é no interior das famílias e não nas instituições de ensino.

Utilizamos as categorias geográficas lugar e não lugar para analisar o contexto educacional em todos os níveis de formação educacional humana, no tocante a viver as sexualidades e os gêneros plurais. Quando observamos que as sexualidades ainda possuem um não lugar no cenário educacional nos referimos ao viver e ao sentir do cotidiano dos corpos plurais. Mesmo sabendo que muitas instituições escolares, públicas ou privadas, tenham constituído núcleos de inclusão nos quais as categorias gênero, sexualidades, interseccionalidade dos corpos entre outros, são abordados, isso não é suficiente para que a homofobia, as violências e o bullying deixassem de existir.

Ainda, mesmo sabendo da presença dos corpos plurais nas escolas e universidades, observamos um retrocesso quanto à presença de tais temáticas no processo de conhecimento dos alunos e de consolidação de seres humanos conscientes sobre seus corpos e suas sexualidades, rebatendo a construção de que tudo aquilo que foge à regra imposta é ruim ou mau (nesse cenário, incluímos os corpos maus). Sobre isso, Miguel Arroyo (2010, p. 1387) aponta que “o problema está na sociedade e, de maneira específica, o problema está nos pobres, nos coletivos populares, nos setores vulneráveis, em risco, nos coletivos desiguais”.

Nessa perspectiva, os pobres e os coletivos populares são aqueles que, desde a sua concepção e inserção no mundo, já receberam rótulos que soaram no contexto social e

educacional como corpos maus. Nesse ponto, Guacira Lopes Louro (2000, p. 11) afirma que a escola “deixou marcas expressivas em seu corpo e a ensinou a usá-lo de determinada forma”. E, ainda, Antônio Carlos Silva e Marina Casadei Silva (2012, p. 344-345) afirmam que “a escola tem sua história entrelaçada com a economia burguesa e com a opressão destinada às classes sociais menos favorecidas”. Assim, verificamos que a escola tem deixado marcas desfavoráveis e irreparáveis nas sexualidades que ainda ocupam um não lugar.

Já na construção do não lugar, tendo em vista suas concepções trazidas para o viés das sexualidades, Antônio Carlos Silva e Marina Casadei Silva (2012, p. 349-350) evidenciam que:

Os não lugares são permeados de pessoas em trânsito. São espaços de ninguém, não geradores de identidade. Lá, você ou eu, não importa, somos apenas mais um. O não lugar é uma referência para o sistema na contemporaneidade. Nele há grande circulação de capital, o Estado o ignora, pode ser desmanchado e substituído a qualquer momento – não há envolvimento afetivo nesses espaços. Entretanto, ele necessita do trânsito das pessoas, da circulação do capital e, para conseguir isso, cria estratégias para seduzi-las.

Se optássemos por outro viés, o lugar permeado de pertencimento, sentimento e vivência precisariam ser admitidos e assumidos pela educação brasileira, e isso ainda não aconteceu de forma satisfatória. Tal mudança de padrões, pensamentos e atitudes capaz de retirar dos não lugares os corpos e as sexualidades classificadas como “maus”, mudaria a concepção de que “somos o que pudemos fazer do que fizeram de nós”, conforme afirma Ivone Gebara (2006, p. 144). Em resumo, cabe questionar o sistema imposto e afirmar que as sexualidades possuem um lugar no corpo de cada um, nas práticas de ensino, no contexto da educação brasileira.

Se cada indivíduo olhar para dentro de sua essência e identificar que possuir um corpo “mau” pode ser considerado algo positivo (e é, de fato), fica a questão explícita de que está fugindo das regras, das normas e dos sistemas impostos na dualidade permanente entre macho e fêmea, positivo e negativo, gordo e magro, público ou privado, homossexual e heterossexual, inteligente ou burro e, ainda, conservadores ou libertadores. Quando essa questão emerge no contexto individual ou coletivo, devemos ter em mente que estar em um não lugar, por julgamento, crítica ou desconhecimento, é um retrocesso que conduz para a alienação, consciente ou inconsciente, dos indivíduos.

Se olharmos para as fases de desenvolvimento humano, teremos a concepção de que todo processo de estar em um lugar ou não, inicia-se na vida intraútero, quando

sentimentos maternos e familiares são passados em gestos, palavras de conforto, sentimentos de bem-querer, cuidados específicos para a manutenção da saúde fetal e etc. (PAPAGLIA et al, 2013).

Em outro cenário, tais sentimentos podem ser diferentes do apresentado acima, conformando o não lugar, mesmo estando em um lugar. Esse seria o momento da consolidação de um ‘pequeno’, porém já corpo mau que, direta, mas inconscientemente, se transformará em mais um indivíduo com problemas de si e em si.

Dado o nascimento, com opções de afeto ou negação no núcleo familiar existente, as fases de desenvolvimento continuam a seguir seu caminho até chegar o momento em que outras interações acontecem para a consolidação do ser: falamos da escola (PAPAGLIA et al, 2013). A partir desse momento, continuaremos a sentir e ser um corpo mau, ou, entenderemos que nossos corpos são as moradas de nossas essências e, portanto, quem o julgou como mau, não vive e compreende a essência de ser e estar “eu” em totalidade.

Nesse sentido de pensar no corpo mau como a construção da individualidade de cada um, abordaremos o contexto educacional e escolar, pois, todo início de construção social acontece com a troca de vivências e saberes. Portanto, para que exista e se perpetue uma construção de corpo bom ou mau, pertencente ou não a um lugar, a escola é entendida como parte importante para a consolidação das essências individuais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ser e estar em corpo na pós-modernidade é algo a ser reconstruído e repensado nas dimensões social, cultural, político partidária, educacional e religiosa. Se possuímos corpos, esses corpos nunca e jamais se comportarão com unanimidade e igualdade e, portanto, os modelos e padrões impostos pelo viés da beleza, da educação e da religião já não mais se sustentam para qualificar o que é um corpo bom. Ademais, quando associamos isso aos corpos plurais, aos gêneros produzidos socialmente e às sexualidades, todos tendem a possuir uma classificação de corpos maus.

Tal situação nos remete a uma intensa desconstrução do que é normal e do que é patológico, incluindo a compreensão de que as sexualidades não possuem um lugar por não serem verdadeiramente reconhecidas e explicadas na educação brasileira. Ter um corpo é estar em um lugar e esse lugar pode ou não produzir sentimentos de

pertencimento, o que não justifica o fato de que as sexualidades, em um determinado momento da história da educação, não possam sair do não lugar e se tornarem simplesmente um dispositivo de liberdade e esclarecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar e estar em um contexto educacional repleto de tabus, preconceitos e segregações, em pleno século XXI, é uma questão de ordem social, pois, quando trazemos a construção de que corpos plurais e estes ocupam em um não lugar, é porque a instituição escolar perdeu a sua real função de inclusão e de formação democrática e cidadã.

Quando trazemos esses questionamentos, percebemos que o contexto educacional atual parece estar regredindo para uma época em que apenas crianças e pessoas da mesma linhagem e ordem econômica poderiam usufruir e serem possuidoras de conhecimentos. A partir do momento em que o contexto educacional segrega pessoas e retira assuntos que permeiam a construção individual de cada ser humano, tal como as sexualidades, os gêneros e os corpos plurais, já se evidencia que a escola ocupa um não lugar e o indivíduo, que se percebe diferente aos demais, é entendido como um corpo mau.

O que e quem define se corpos plurais podem ser abordados nos contextos educacionais são os mesmos que subsidiam os documentos oficiais e as políticas de educação, perpetuando a consolidação das sexualidades pelo viés biologicista. Nesse contexto, ser diferente, é ser um corpo mau, é continuar ocupando um não lugar, é continuar perpetuando para os familiares e pessoas que estão ao redor que ser diferente é existir permeado de sentimentos de vergonha, medo, repulsa sobre si e sobre seu corpo e, ainda, sentir-se abandonado, mesmo que em um coletivo denominado “sala de aula ou classe”.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. **Educação e Sociedade**, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/WGyPfcRb7yFJPMfsj5pSxPx/?lang=pt>. Acesso em: 16 Jan. 2021.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da sobre modernidade. 1ª ed. francesa. Lisboa: 90 Graus, 2005.



AUGÉ, Marc. **Le sens des autres**. Paris: Fayard, 1994.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin (Colab.). **Desenvolvimento Humano**. 12<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Antônio Carlos Barbosa; SILVA, Marina Coimbra Casadei Barbosa. **A escola na condição de não-lugar**. In: Revista Eletrônica PESQUISEDUCA. v. 04, n. 08. Santos: UNISANTOS, p.340362, jul./dez. 2012.

Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/issue/view/51>. Acesso em: 10 Mai. 2022.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**. Tradução de Lúcia Mathilde E. Orth. Petrópolis, Vozes, 2000.